
**DA PALAVRA AO TRAÇO, DA VIDA À MORTE, DA NÃO CONCESSÃO À
EXPERIÊNCIA: INÊS E A POSSIBILIDADE DE ENCONTRO ÉTICO NO LIVRO
ILUSTRADO**

**FROM THE WORD TO THE TRACE, FROM LIFE TO DEATH, FROM NOT CONCESSION TO
EXPERIENCE: INES AND THE POSSIBILITY OF AN ETHICAL MEETING IN THE ILLUSTRATED
BOOK**

Cristiane Rogério CARVALHO

Pólo A Casa Tombada/Faculdade das Conchas – FACON
cris.rogerio.cris@gmail.com

*Tudo que não invento é falso,
Manoel de Barros*

Resumo: O presente artigo visa refletir sobre o papel do texto e da imagem no livro ilustrado como forma de narrativa em conjunto, em um projeto gráfico que propõe e fomenta este diálogo. A autora se apropria do livro *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani, para evidenciar esta saudável costura de palavra, imagem e objeto-livro como defesa do direito à literatura, às narrativas da tradição, às possibilidades gráficas de qualidade, bem como o não cerceamento de temas ou formas de narrativa por conta de interpretações que limitem a potência da história em nome de algum tipo de superproteção ao jovem leitor.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro ilustrado. Narrativas tradicionais. Histórias portuguesas. Projeto gráfico.

Abstract: This paper aims to reflect about the role of words and pictures in a picture book as a way of combined storytelling, in a graphic project that suggest and encourage this kind of dialog. Through the book *Inês* by Roger Mello and Mariana Massarani, the writer wishes to highlight this healthy sewing of word, figure and the book as an object from a preservation of the entitlement to have literature, classic narratives and high-class graphics possibilities, as well as the non-restricting themes or kinds of narratives because of interpretations that restrain the power of the story on behalf of some kind of super protection to the young reader.

Keywords: Children's literature. Picture book. Classic narratives. Portuguese stories. Graphic project.

Introdução

Inês, o livro, soprou brisa em mim. Brisa de amor junto com brisa mórbida. Arrepio. Das histórias de amor que precisam ser contadas, que merecem ser sabidas.

Também é história de coragem. Coragem de uma subalterna que se entrega à paixão por um príncipe; de um príncipe que assume a face da morte para fazer jus à sua amada e, por último, coragem de dois autores consagrados no universo da literatura infantojuvenil e que não fazem concessão para contar uma história com tanta potência. Que assumem abordar em uma obra destinada a crianças a repressão, a traição e a morte para levar adiante uma história de amor e ampliar perspectivas, provocar compaixão. Coragem de enfrentar o que vier por uma verdade da alma, do coração. Coragem de não negar a palavra difícil, a construção de frases em poesia, muito menos rejeitar a imagem que nos desafia o olhar.

Inês foi escrito e concebido do desejo do artista brasileiro Roger Mello, um dos autores mais importantes da história do livro para a infância no Brasil e que, em 2014, recebeu o Prêmio Hans Christian Andersen na categoria melhor ilustrador, considerado “o nobel da literatura infantil”, segundo votação do Ibbý – International Board on Books of Young People - e anunciado na Feira do Livro Infantil de Bolonha (Itália). Para fazer as imagens de *Inês*, no entanto, ele convidou Mariana Massarani, premiada artista carioca com dezenas de obras publicadas e dona de um dos traços mais reconhecidos da literatura infantil brasileira.

1. A História na história sem didatismo

O livro foi lançado pouco mais de um ano depois da premiação, pela editora Companhia das Letrinhas. Havia grande expectativa de uma nova obra do autor no Brasil, além da presença dele por aqui, após meses de viagens pelo mundo inteiro. Em outubro de 2015, no 3º Fórum de Leitura do Espaço de Leitura do Parque da Água Branca, em São Paulo (SP), fui convidada para fazer a mediação de uma conversa entre Roger Mello e Eva Furnari¹ sobre os limites impostos pelo mercado que separam uma “literatura para crianças e jovens” e uma “literatura para adultos”. *Inês* encaixava-se perfeitamente como mote para o debate. Sugeri, então, que começássemos a conversa com Roger fazendo uma leitura do livro em voz alta. A

¹Eva Furnari é italiana e residente no Brasil desde a infância, autora de livros ilustrados infantis há mais de 35 anos, com mais de 60 publicações.

edição foi mostrada em um telão e as cerca de 150 pessoas presentes no evento puderam acompanhar a leitura e ser tombados, ali, por texto e imagem em papel literário juntos, como bem pode oferecer um livro ilustrado.

Meses depois, em texto sobre o encontro, ele escreveu:

Imagina se eu ia dizer que não. Mas, opa. Eu nunca tinha lido o *Inês* em público. Escolhi um tom o mais neutro e pausado. Mas a força das imagens criadas por Mariana puxa ramificações, instaura dúvidas, e o humor acaba por constituir um outro dueto. O dueto com a poesia das imagens criava o susto. Eu lia de uma maneira diferente as imagens projetadas enquanto lia. Gostei ainda mais das imagens, não pensei que isso fosse possível. Mariana é uma cronista e, para além de qualquer didatismo, o trabalho intensivo da pesquisa das imagens de Mariana acabavam por virar uma delicadeza a mais, mas é para além da pesquisa que a essência daquilo que é humano se revela. (MELLO, 2015).

Por que Roger usa as palavras “cronista”, “didatismo”, “pesquisa”? Porque o livro aborda a famosa história de Inês de Castro, que nasceu na região espanhola da Galiza entre 1320 e 1325 e foi assassinada em Coimbra em 1355. O triste destino foi sentenciado por D. Afonso IV, rei de Portugal, pai de D. Pedro de Portugal, que se apaixonou por Inês enquanto ela era a ama da futura rainha Constança. Escreve a historiadora Lilian Moritz Schwarcz no final da edição:

Numa época em que não existia amor por escolha, ainda mais no mundo da monarquia, os dois foram obrigados a manter uma paixão escondida, tiveram quatro filhos e mesmo com a morte da rainha não puderam oficializar sua relação. Para piorar o que já era ruim, Inês foi morta a mando de d. Afonso IV, rei de Portugal e teoricamente o sogro de nossa heroína. Sem encontrar consolo, d. Pedro I, anos depois, e após a morte do pai, traz sua esposa de volta, oficializa o casamento e faz com que todos participem de um beija-mão com a rainha morta.

Essa história de um amor impossível inundou a imaginação do povo, a ponto de acreditar-se, na época, que as lágrimas e o sangue de Inês teriam banhado o rio Mondego, levando à criação de uma Fonte das Lágrimas, onde uma alga vermelha insiste, teimosa, como o sacrifício de Inês. (SCHWARCZ, 2015)

Esta combinação de história e ficção inspira artistas ao longo dos séculos. Além de Bocage, Luís de Camões também dedicou sua poesia à história em trecho de *Os Lusíadas*²:

Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha

²Os Lusíadas, do mais importante poeta da língua portuguesa, Luis de Camões, publicado pela primeira vez em 1572.

As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

É a primeira vez, no entanto, que a versão chega em livro ilustrado. A escritora Ninfa Parreiras já havia contado sua versão no livro *Histórias d' Além Mar* (Paulinas, 2015), com diversos contos inspirados em histórias portuguesas. Mas não desta forma. Roger Mello conta que havia muito tempo sentia vontade de contar e ver esta história em um livro ilustrado, tanto por encantar-se com a narrativa, como por se tratar de uma narrativa de reis e rainhas que, de alguma forma, está mais próximo das crianças brasileiras. Mas seria adequado à faixa etária a qual o mercado editorial destina o livro? Disse ele em encontro aberto no Espaço de Leitura do Parque da Água Branca: “É o ponto de vista da menina sob o ponto de vista meu! Quem sou eu para fazer isso? Mas e se eu não fizer? Tem que ter coragem! Criar é soltar a coragem” (MELLO, 2015).

A ousadia dos autores e da editora pode fazer o livro barrar nas prateleiras das livrarias ou nas portas das escolas. A adoção ou indicação de livros nos espaços escolares ainda segue regras que desviam a importância artístico-literária como critério. Uma “utilidade” para a obra ainda impera. Os adultos mediadores buscam “ensinar algo” ao leitor jovem, muitas vezes mantendo uma cadeia pedagogizante combatida desde os primeiros passos da literatura dita “para crianças”. O aumento do mercado de livros e também do nicho “infância” faz com que esta relação seja tão mais intensa quanto perversa. Ricardo Azevedo, autor de dezenas de livros infanto-juvenis e pesquisador, aponta que:

Uma das implicações dessa postura é a apresentação da infância como sendo formada por seres imaturos, incoerentes, egoístas, irracionais, indisciplinados, sem discernimento, selvagens, sem juízo, impulsivos, caprichosos, inseguros, parciais, desequilibrados, inexperientes, inquietos, irresponsáveis, ignorantes e errados por princípio, indivíduos cegos com relação às coisas da vida e do mundo, que precisam mudar, crescer, ser domados e, assim, finalmente, amadurecer e compreender a ‘realidade’, as regras complexas e a sabedoria líquida e certa do mundo adulto.

O mundo adulto, por sua vez (e em oposição), seria composto por seres maduros, coerentes, altruístas, sérios, racionais, disciplinados, com discernimento, civilizados, ajuizados,

comedidos, controlados, razoáveis, seguros, imparciais, isentos, equilibrados, quietos, responsáveis, sábios e corretos por princípio. (AZEVEDO, 2003, p. 3)

Tal discrepância de interpretação dos universos “adulto” e “infantil” que Azevedo aqui ironiza dá margem e reforça condutas de censura nas leituras, uma vez que o leitor jovem só tem acesso ao que o adulto torna disponível. Para Roger Mello, se desligar desta divisão é premissa para sua criação. No mesmo texto sobre o Fórum, o autor escreve: “A palavra criança alude ao que cria, um leitor-autor. Acima de tudo, enquadrar esse leitor como um público-alvo é restringi-lo, aniquilá-lo como um tiro acertando o alvo em cheio. Crianças não são um coletivo homogêneo. Isso é óbvio. Cada criança é um indivíduo. E, no encontro com o objeto livro, cada indivíduo o afeta sendo afetado por ele”. (MELLO, 2015)

2. A coragem na escolha do tema e do tipo de arte visual

A afirmação evidencia o autor como artista. A necessidade de contar uma história, a necessidade de expor uma emoção, a necessidade de tornar o individual algo universal, independentemente do destino. A necessidade de inventar. Quando ele questiona: “E se eu não contar?”, pode vir à mente também:

“E se eu não ler?”

“E se eu não mediar?”

“E se eu não...”. É isso. É isso que se passa na coragem de um mediador de leitura. Pegar um livro na mão, repleto de potência e se embebedar desta influência e assumir que é digno de convite. De se convidar o outro a uma experiência. E de apostar que pode acontecer ou não. Mas... mas e se acontecer? Há de se estar preparado para este encontro.

O livro chama a atenção já no projeto gráfico. Encontro de duas feras desta arte no Brasil, a obra se encaixa nos conceitos europeus que chegaram também ao país – e estão em construção – sobre as características e possibilidades de um “livro ilustrado” ou “livro-álbum” (o *picture book*): onde texto e imagem dialogam com tal precisão que não poderiam um viver sem o outro. Esta significação articulada é enfatizada pela especialista francesa Sophie Van Der Linden em **Para Ler O Livro Ilustrado**:

Ler um livro ilustrado é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma

ordem de leitura no espaço da página, afinar poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... Ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor (LINDEN, 2011, p. 8 e 9)

Não há *Inês* de Roger Mello sem Mariana Massarani. A ilustradora-autora dá ao leitor o traço preciso-pesquisa, a cor rústica-fiel, a minúcia que enriquece a busca, potencializa o nosso olhar. Potencializa o olhar-leitor, aquele que não se contenta com o que vê e quer escavar sentidos. Para tanto, a potência deste encontro leitor-livro-ilustrado pede que o entendimento do objeto esteja claro. Para as pesquisadoras Maria Nikolajeva e Carole Scott, trata-se de uma forma de arte que baseia-se em combinar dois níveis de comunicação, o visual e o verbal.

No princípio do século XX, a relação dinâmica entre palavra e imagem envolve várias técnicas: o enriquecimento da compreensão por meio do detalhe; a criação de impacto afetivo tanto pelo uso de palavras como pelo *design* da imagem, incluindo estilo e cor; a apresentação de perspectivas e pontos de vista diferentes no texto e na imagem e o uso de interação irônica entre as duas. Em muitos casos, pistas visuais específicas abrem o texto e as escolhas de palavras aguçam o exame minucioso e a análise pelo leitor da imagem.

À medida que o século avança, a intenção e o impacto dos autores-ilustradores mudam. Em lugar de a relação palavra-imagem esclarecer e explicitar mais o detalhe, a perspectiva e os eventos da dupla narrativa, cada vez mais os trabalhos desafiam o leitor, introduzindo a ambiguidade, às vezes tão intensa que, quanto mais o texto é lido e as ilustrações são examinadas, mais incerta parece ser a comunicação. Como resultado, os leitores são obrigados a chegar a suas próprias respostas, suas próprias resoluções, e a juntar forças com os autores-ilustradores na criação da ambientação, da história e da interpretação. (NIKOLAJEVA ; SCOTT, 2011 p. 327).

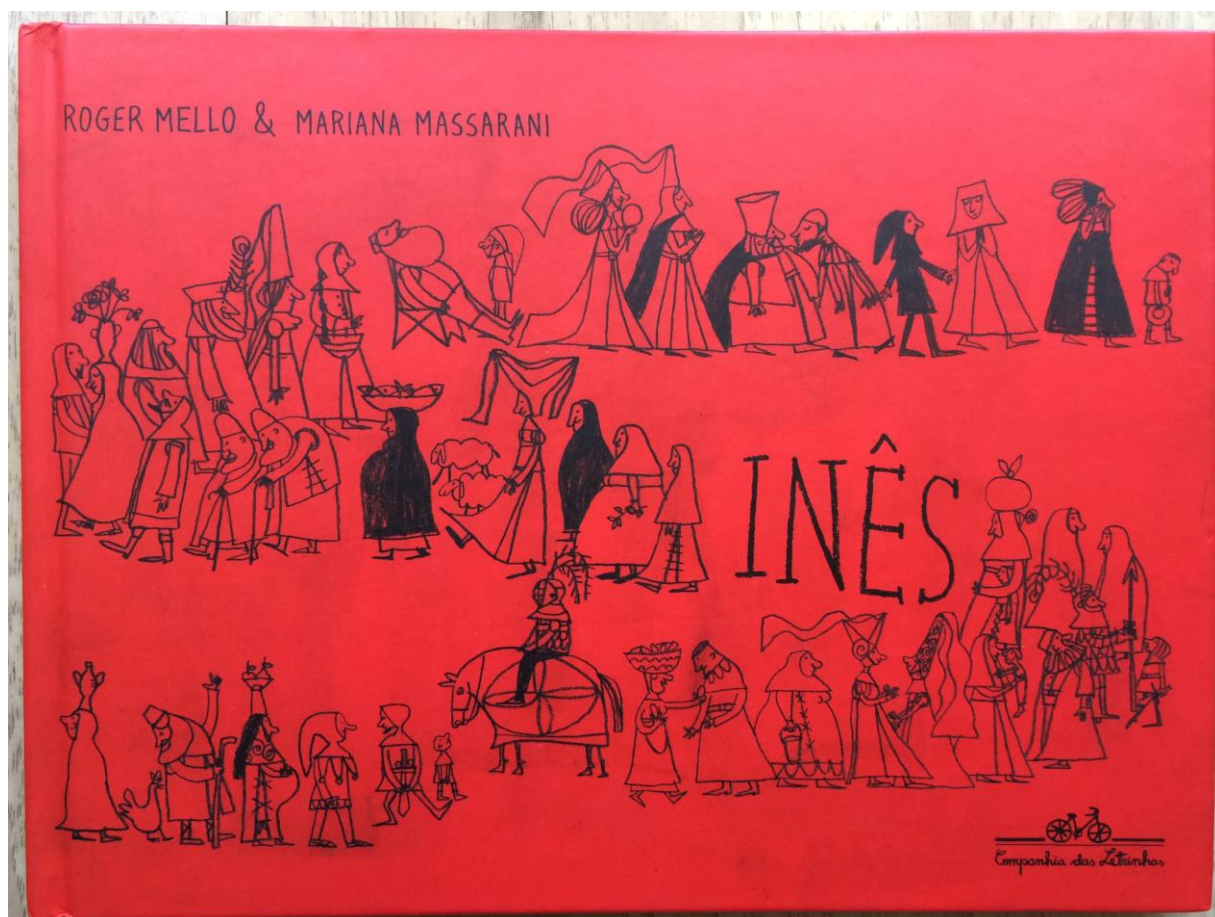


Figura 1 – capa livro *Inês*, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015

A capa vermelha põe em fila pessoas, acontecimentos, uma época e o título “Inês”. Nos remete às ilustrações de *Gênesis* de Viena, manuscrito referendado como produzido na Síria na primeira metade do século VI, e o mais antigo códice ilustrado bíblico.



Figura 2 – Gênesis de Viena, imagem Livro do Gênesis

São 24 fólios em que o desenho se concentra na base das páginas. O espaço reduzido provocou ilustrações em sequência, como um “U”, uma linha curva onde as cenas são mostradas sem interrupção.

Nesta capa, há vestimenta, costume. Há nobreza e plebe, adulto e criança, animais, homens e mulheres. A religião está presente como reverência, a comida como sobrevivência. Há quem ofereça flores, há a espera e há morte.

O uso do papel craft – o feito da polpa da madeira macia - nos abre a leitura e anuncia a solidez do que virá. Mariana desenhou nele, pintou nele, criou nele.

À primeira dupla de páginas, o leitor encontra texto e imagem para decifrar.

Quando eles se conheceram,
eu andava escondida no meio de outras coisas.
Curva de brisa, alga vermelha, briga de passarinho.
Eu ainda não era uma vez.



Figura 3 – livro *Inês*, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015, aberto, primeira dupla com a narrativa. Detalhe: ampliado, página da esquerda da dupla: o texto poético brinca com o tempo verbal “Eu ainda não era uma vez”.

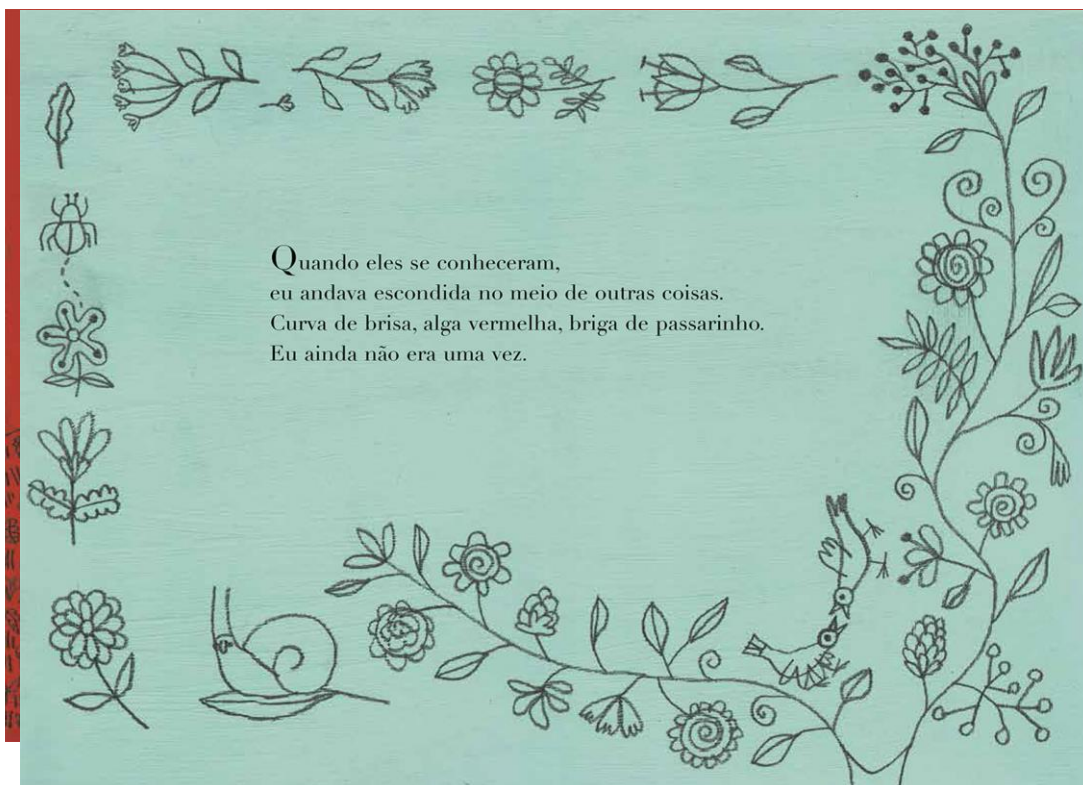


Figura 4 – livro *Inês*, Roger Mello e Mariana Massarani, *Companhia das Letras*, 2015, página da esquerda da dupla: uma lágrima escorre em coração de uma mulher. Dois homens, duas coroas. Em um deles o coração sobressai. Do que vem?



Figura 5 –livro Inês, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015, página seguinte: doçura e crueldade, verdade e costumes

Na seguinte, a solidez de um javali morto contrasta com um grande homem prestes a se entregar a um abraço de menina. O narrador apresenta um dos protagonistas e vemos que quem conta a história é uma menina, filha de um Pedro que voltara de um dia de caça. Quem é esta menina?

Uma carruagem veio de Castela.
Trouxe Inês pra ser ama da princesa Constança.
Princesa Constança?
É, esposa de meu pai.
Ah, sua mãe.
Não, minha mãe era Inês,
Essa moça que sorriu quando o príncipe fez a carruagem parar.

Pedro sorriu sem pressa.
O cavalo de Pedro sorriu pro capim.
Briga de brisa, curva de passarinho.
Algo vermelha. Inês, minha mãe. (MELLO; MASSARANI; 2015)

Eis a menina que conta a história: uma filha bastarda do príncipe. Um narrador de um livro para crianças é uma criança. Uma criança antes de nascer. Uma criança filha de uma traição monárquica.

A imagem seguinte é mais do que caracterização de época em roupas e acessórios. É costume de repressão e veneração.



Figura 6 – livro Inês, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015, súditos em volta do rei

Em volta do rei, a submissão está nos olhos fechados dos súditos. E a desobediência está nos olhos abertos de Pedro. Sobre o caráter não verbal de uma imagem – que apenas indica que o modo de comunicação não pressupõe a mediação de palavras – a pintora, desenhista, ilustradora e teórica da arte polonesa Fayga Ostrower expõe:

É justamente o caráter não verbal da comunicação artística que constitui o motivo concreto de a arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida. Exige inteligência, sim, e sempre sensibilidade. (OSTROWER, 2003 p.28)

A autora de livros ilustrados e pesquisadora Aline Abreu nos alerta que, quando se trata de um livro ilustrado ou livro-álbum, ou seja, um livro como objeto, há mais ainda o que ser lido para a compreensão da proposta artística:

À medida em que reconhecemos na figura do "fazedor de livros" um ilustrador-designer fica mais evidente a fusão *design*-imagem nas intenções da ilustração como linguagem narrativa. Queremos dizer com isso que muitas escolhas feitas pelo ilustrador não implicam somente questões relativas à imagem narrativa mas também relacionadas ao campo do *design* como: enquadramento, composição de página, uso de cores, montagem, etc. (ABREU, 2013, p. 84)

Para ela – e podemos relacionar isso perfeitamente aqui com *Inês* – a relação se dá aos nossos olhos como deleite-leitura:

A inscrição do corpo, das origens da palavra, da oralidade, da imaginação, e dos aspectos sensoriais da percepção entram em jogo à medida em que as relações palavra-imagem-*designs* são montadas como um quebra-cabeças que se desfaz e se refaz, renovado a cada virada de página.

Não sugerimos que todas estas operações sejam conscientes, nem por parte do "fazedor de livros", nem para o leitor, que com elas ambos se deparam e nelas interferem. Ao contrário, na maioria das vezes não são, mas, durante o evento de leitura atuam umas sobre as outras, partes de um só ecossistema: corpo-texto/corpo-leitor. (ABREU, 2013 p. 85)

Em *Inês*, texto e imagem colocam o leitor num incômodo poético: a delicadeza das molduras em flores, utilizadas em várias páginas, contrasta com uma história que não nos parece adequada à criança, o leitor comumente destinado na produção de literatura infantojuvenil. Seria uma imagem querendo dar mais leveza ou aconchego a um texto nu?

3. Por que ouvimos e lemos histórias?

Uma traição se consolida. De tempos outros, tempos em que traições eram tão inevitáveis como casamentos arranjados. Isso é costume. É Portugal, é Idade Média. Daí capturar pela pedagogia fácil um ensinamento de História e um sentenciamento julgador: era aceitável naqueles tempos.

A outra opção está disponível também: o leitor pode entregar-se à história de amor, sofrimento, sujeição. Porque o texto nos dá a história em poesia e metáfora e definições, palavras. A imagem nos carrega a outro lugar: os traços arredondados já característicos de Massarani nos adocicam a angústia do estar proibido para a possibilidade da insubordinação do príncipe. É uma espécie de troca de sentimentos proposta, quase uma confissão entre autor e leitor: uma cumplicidade. E, assim, o livro se coloca fora do tempo cronológico e entra no tempo da boa literatura. Da arte.

Sobre o papel da ficção em nossas vidas, a escritora e especialista argentina Maria Tereza Andruetto esclarece:

Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossas experiências, tento acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios. (ANDRUETTO, 2013, p. 54)

Para mediar na proposta da poesia, quem estiver tecendo este encontro terá de oferecer leituras em texto e imagem. Não há como se ater somente a um ou outro. Não é possível ignorar capa dura vermelha, traço a lápis, cores fortes e, muito menos, o papel craft. A materialidade nos salta aos olhos e às mãos como a necessidade do tom diante da leitura em voz alta. O encontro se dá em elo, em mãos dadas, em mediação que acontece em companhia. Como disse a escritora, educadora e editora Márcia Leite em encontro sobre leitura no Centro Cultural da Juventude, zona norte de São Paulo: “o mediador não é o que está entre o livro e o leitor. Mas, sim, o que está ao lado” (LEITE, 2016).

Para a leitura de imagens, no entanto, é preciso vencer o que, muitas vezes, ao longo da vida de todos – estudante ou professor – lhes foi negado: a alfabetização visual. Este encontro com as possibilidades postas em uma imagem. A pesquisadora Hanna Araújo demonstra o tamanho do desafio e do prazer nesse encontro leitor-imagem:

(...) de acordo com o tipo de imagem, demandar-se-á um nível de sofisticação do leitor, abrangendo dentre outras habilidades, pausa para leitura, dedicação à imagem e várias releituras. Tendo em vista que a linguagem presente é visual, caberá ao leitor apoiar-se nos elementos da composição para criar as conexões que comporão os significados. Esse processo de vasculhar a imagem demanda a todo momento a criação de hipóteses que são confirmadas ou reelaboradas de acordo com a cadência das páginas. (ARAÚJO, 2016, p. 72)

É acolhido no amor entre Inês e Pedro que o leitor entra na história que encontra mais ressonância no Brasil do que no país que originou o conto. A princesa Constança morre, Pedro quase perde o enterro e o cortejo só tem um único assunto: Pedro se atrasa por estar com a amante. A hipocrisia dos súditos não perdoa. Chega ao Rei, que decide mandar Inês para longe, para a torre de um castelo em Castela. Cartas trocadas encontram as dores de ambos. O amor alcança a torre.

Torre.

Princesa.

Castelo.

Reino.

Príncipe.

É esta história e outras. Como somos todos.

Do traço e do texto que pula de página em página, um passarinho salta com eles. A marcação pode ser notada se a leitura for calma, como só um virar de página de livro ilustrado pode pedir.

Se pedir, aceite.

A antecipação do que hoje vira história se dá em um trecho premonitório:

- *Agora sim, vamos viver nas margens do Mondego. Na Quinta das Lágrimas? Na Quinta das Lágrimas. O nome da quinta ainda não era esse.* (MELLO; MASSARANI; 2015)

A imagem que nos vêm de lágrima prepara para a história que, mesmo ali, não vai mudar. Ou anuncia a quem não teve contato com ela.

O pai de Pedro não queria que ele visse Inês nunca mais.

Nem o cardeal,

Nem os conselheiros,

Nem o povo,

Nem ninguém queria.

Só eu e meus irmãos, ou não teríamos nascido.

Primeiro Afonsinho, depois eu, depois João, depois Dinis.

Agora sim, agora eu era uma vez. (MELLO; MASSARANI; 2015)

Devolve em texto para o início narrado, o jogo de sentidos e de tempos verbais. É mostrar que na poesia é permitido ser até antes mesmo de nascer. E, quem sabe, muito tempo depois de acontecer e morrer.

A menina Beatriz tem seu espaço no tempo presente da história. Segura um passarinho como quem segura uma vida toda: dela e dele.

Um dia corri pra me esconder do João

E me perdi de mim mesma.

De medo, escondi um passarinho na mão.

Foi como se eu escondesse o universo.

A respiração dele, apressada, me soprou assim: Inês. (MELLO; MASSARANI; 2015)

A dupla a seguir é a dupla da morte. Depois de traição, culpa, amor e luta, o leitor se vê diante do assassinato da personagem que dá título ao livro.

Roger e Mariana se encontram na dor dos personagens envolvidos e acolhidos, talvez, pelo leitor. O castigo chega para certificar, na trama, que o erro não tem vez. Não vemos os algozes, mas, sim, a facada em sangue sair do corpo de Inês.

Agora Inês é morta.



Figura 7 – livro Inês, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015, livro aberto e a sensação de que tudo se torna vermelho a partir do sangue de Inês

A expressão que repetimos no Brasil e que não acontece o mesmo em Portugal. É nosso mais do que dos portugueses o hábito de usar o termo para dizer que não nos resta mais nada a fazer.



Figura 6 – livro *Inês*, Roger Mello e Mariana Massarani, Companhia das Letras, 2015, ampliado, página esquerda da dupla: o passarinho escapa da mão de Beatriz, a tensão no texto, a incerteza de quem é o verdadeiro assassino de Inês



As cabeças dos algozes não aparecem; as lágrimas dos filhos e o sangue se tornam rio

Nada? Mais nada a fazer?

A morbidez tem continuidade. A dor de Pedro, o apaixonado sem sua paixão, chora com os filhos e com anjos a perda. Se revolta em vermelho e em craft. Cru.

A raiva se compõem em uma crueldade julgando aos olhos de hoje: ele coroa a amada e obriga em um cortejo fúnebre em que a boca de quem falou tanto de sua situação inadequada beije a mão da morta. A morta está clara aos olhos do leitor, tanto quanto o carinho entre pai e filha. O passarinho acompanha. Ele é vermelho como sangue, como o rio Mondego, como alga, como raiva, como amor.

Com a pesquisadora Aline Abreu colocamos o livro para a infância como em seu complexo papel híbrido, que passeia pelos universos da arte e da educação.

É neste movimento recíproco de interferências entre as linguagens no livro ilustrado infantil, capaz de desviar o signo de seu referente e indicar possibilidades de leituras várias, que podemos perceber nesta expressão narrativa híbrida inscrita no literário, a obra aberta, o espaço para a experimentação estética.

O livro ilustrado infantil aproxima-se da educação exclusivamente como porta entreaberta para a formação estética do indivíduo (devemos frisar que este indivíduo pode ter qualquer idade) e firma-se como literatura sem limitação de idade na medida em que passa a ser percebido como espaço de invenção estética. (ABREU, 2013, p. 166)

Não há lugar melhor para colocar em diálogo aspectos da educação, literatura, artes visuais e contexto histórico como um livro ilustrado para a infância. Quando abrimos uma obra como *Inês*, estas conversas já se relacionam entre si e serão jogadas como um convite para as mãos e sentidos dos leitores. Este encontro se dá tanto melhor quanto menos amarras existir. Trata-se de caso único, leitura especial, própria e individual. Em entrevista, o autor e pesquisador Odilon Moraes define estes limites:

O picture book é um celeiro de paradoxos, texto que é imagem, imagem que é texto. Pode promover o encontro entre gerações, entre fantasia e realidade, entre a visão da criança e a visão do adulto, entre espaço e tempo. No picture book é possível trabalhar essas ambiguidades. O picture book é um caldeirão de experiências. O Renato Moriconi³ fala que o picture book é polifônico. Dizem que é inter-geracional porque promove um encontro entre gerações diferentes, a imagem não reproduz mais a palavra, não é mais apoio para o leitor que está aprendendo a ler, a imagem está contando uma coisa e o texto outra, o adulto está acostumado a pensar que imagem é redundância, está acostumado a renegar a imagem e, quando ele percebe que a imagem não está contando o que a palavra está falando, é despertado para prestar atenção na imagem. A criança, por sua vez, está acostumada a ler imagem e assim aprende a ler palavras. Um adulto quando lê para uma criança, redescobre a imagem enquanto a criança descobre a palavra. (MORAES, 2014)

E só acontece a partir da possibilidade de não hierarquização de linguagens, como defende o trabalho de Aline Abreu aqui já citado:

Nossa percepção sobre o cenário atual das discussões do livro infantil ilustrado indica-nos um certo desvio, uma espécie de mudança de ponto de vista da palavra (tradição) para a imagem mas, parece-nos, apesar de estarmos agora "no time da imagem", e da já enraizada noção de interdependência entre as linguagens, que palavra e imagem continuam sendo analisadas separadamente (isto sem entrar, neste momento, nos aspectos relativos ao projeto gráfico dos livros). Esta forma de ler o texto híbrido parece-nos tão problemática quanto a forma tradicional que isolava a imagem e debruçava-se quase que exclusivamente sobre o texto. Tal forma de leitura ainda está fortemente atrelada à ideia de hierarquias entre os códigos.

Os "defensores da imagem", tomados pelo que há pouco nos referimos como "ressaca", após a batalha para conquistar seu merecido espaço, acabam eles por ler o livro infantil com a imagem em primeiro plano. Numa primeira mirada, este enfoque apresenta-se como excelente arma contra os ataques às qualidades estéticas e à complexidade da forma artística que é o livro ilustrado infantil. Mas, ler o livro ilustrado como "objeto visual", quase que neutralizando o verbal, não seria trazer o livro ilustrado para o campo das artes visuais e indicar que, afinal, ele não possui qualidades literárias? É necessário, em nossa opinião, cuidar que não ocorra qualquer interferência desta ideologia das hierarquias na leitura do texto como unidade indissociável. (ABREU, 2013, p. 71)

4. O "sim" à leitura e possibilidade de experiência

³Renato Moriconi é artista plástico, escritor, ilustrador e autor premiado de livros infantis.

Por fim, só resta à experiência de leitura de um livro ilustrado ser ela mesma uma experiência. Em diálogo com o educador espanhol Jorge Larrosa, notamos que só será possível o encontro com o que está abordado neste artigo se permitirmos que, de fato, a leitura nos atravesse.

Poderia falar-se, então, de uma alfabetização que não tem a ver com ensinar a ler no sentido da compreensão, senão no sentido da experiência. Uma alfabetização que tenha a ver com formar leitores abertos à experiência, a que algo lhes passe ao ler, abertos, portanto, a não se reconhecer no espelho. (LARROSA, 2011 p. 10)

Uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos “sentimentos”. (LARROSA, 2011, p.10 e 11)

Para oferecer uma possibilidade de experiência, é preciso, no entanto, que o mediador tenha ele mesmo sido afetado pela leitura primeiro. É condição imprescindível no livro ilustrado, então, que texto, imagem, *design* (ou projeto gráfico), ou seja, que palavras, ilustrações e texturas todas (capa dura, papel craft, determinadas cores) de Inês, ou de qualquer livro escolhido, tenham atravessado aquele que faz o convite à leitura. Para tanto, há que se permitir tempo. O “tempo roubado para a leitura” como bem nos alerta o escritor Daniel Pennac (Rocco, 1992 p. 118) que, muitas vezes, não espera condições ideais mas que provoca a necessidade de contemplação. Há que se contemplar um livro ilustrado para seguir com a mediação.

Completamente atravessada por *Inês*, usei o livro como “porta de entrada”, em 2015, poucos meses após o lançamento, quando comecei uma série de encontros sobre literatura infantil. Foram grupos de adultos – educadores, bibliotecários, coordenadores pedagógicos, designers, editores, escritores, ilustradores, pais – em cursos livres, de extensão universitária e também de pós-graduação lato sensu, no caso, especificamente os cursos “A Arte de Contar Histórias: Abordagens Poética, Literária e Performática” e “O Livro Para a Infância: Textos, Imagens e Materialidades”, ministrados n’ A Casa Tombada, pólo da Faculdade das Conhas (Facon), na cidade de São Paulo. Os olhos atentos a toda aquela vermelhidão em capa, corações, passarinho, sangue e rio marejavam, quase em sua maioria diante da minha pausada leitura em voz alta. Palavra e imagem encontravam-se nos leitores-ouvintes em uma mistura de prazer de abertura com a angústia dos desafios

que viriam pela frente: um livro infantil não seria mais o mesmo a partir daquele momento.

Destes encontros em que eu apresentava *Inês*, a jornalista Renata Penzani participou de três e, deles, a experiência provocou um texto como trabalho final de disciplina, solicitado por mim.

Quando Beatriz diz “eu ainda não era uma vez”, o leitor entende que vai saber de tudo desde antes de a nossa narradora nascer. Para a criança, o que vem primeiro é a identificação com o ponto de vista, a possibilidade de revisitar um capítulo da História como se esta pudesse finalmente ser tão real a ponto de acontecer com ela mesma. Para o adulto, o que fica são interrogações de surpresa: “Então isso é literatura infantil?”; “Posso falar de assassinato, traição, violência para crianças?; “Posso falar de História contando história?”. Inês ensina que é possível fazer um livro absolutamente brasileiro – na estética, na intenção e na concepção – mesmo contando algo que aconteceu em Portugal. Que é possível falar do outro para falar de nós mesmos. Afinal, mesmo narrada por uma criança, a vida de Inês de Castro ainda pertence ao campo do devaneio, em que importa menos saber o que é fato e o que é lenda, do que se deixar levar pela possibilidade de participar da História com letra maiúscula. Ser leitor deste livro é se aproximar dos cochichos dos peixes do rio Mondego, passear com olhos de criança pela Quinta das Lágrimas, acreditar que as algas vermelhas são lágrimas do sangue de Inês. (PENZANI, 2016)

Considerações finais

A ilustradora e coautora do livro Mariana Massarani impressionou-se com a repercussão do livro. Não por quantidade de leitores, julgamento ainda precoce. Mas, sim, como uma história de uma expressão tão utilizada no Brasil se esvaiu no tempo. “Ou não conheciam a história, ou não se lembravam, ou desconheciam os detalhes. Paravam na morte, nem se lembravam da coroação depois da rainha morta. E ainda há diversas outras versões, uma história que passou pelo tempo e uma história que precisava ser recontada” (MASSARANI, 2016).

Pelos elementos possíveis em *Inês*, o encontro com o livro infantil pode provocar e até representar uma nova etapa no amadurecimento do livro ilustrado brasileiro. Por diversos motivos mas, sobretudo, pela possibilidade do encontro entre linguagens e leitor: como se assumíssemos que a relação com a arte não está dada apenas pelo fato de a obra ter sido concluída. A constatação de inacabado ou obra aberta como condição de existência.

Em *Inês*, a narradora menina dá um tom especial para esta versão. Uma certa inocência, como se já assumíssemos com ela um dos lados da histórica injustiça, de tempos em que opiniões, vontades e liberdades eram para bem poucos. O jogo de

palavras e significados aliados ao das cores, traços, tons e representações parecem nos revelar uma possibilidade nova entre o real e imaginário, como um laço definitivo entre História e ficção.

A escolha pelo livro faz toda a diferença. Não há – ou não deveria haver – outra razão para sua existência.

A escolha de quem teve a ideia de contar aquela determinada história.

A escolha da ilustradora em atender ao convite e dialogar junto na narrativa, explorando cada detalhe visual como narrativa também.

A escolha da editora em encampar um projeto ousado, com recursos sofisticados e tema controverso para os compartimentos do mercado, ou do que se tornou o mercado de literatura infanto-juvenil.

A escolha do mediador em convidar o leitor, de qualquer idade, ao encontro dos dois artistas e se deparar com uma forma de narrar uma história, porém com infinitas interpretações.

Referências bibliográficas

ABREU, Aline S. V. **O Texto Potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP, São Paulo, 2013.

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ARAÚJO, Hanna T. G. P. **Processos de criação e leitura de livros de imagem: interlocuções entre artistas e crianças**. 2016. 306 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2016.

AZEVEDO, R. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: _____; PAIVA Aparecida; MARTINS Aracy; PAULINO Graça; VERSIANI Zélia (Org.) **Literatura e Letramento – Espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, J. Experiência e Alteridade em Educação. In: _____; **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, 2011.

LEITE, Márcia; Roda de conversa Histórias Que Tecem, **IV Feira do Livro do CCJ (Centro Cultural da Juventude)**, São Paulo (SP), 2016.

LINDEN, S. V. D. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LITERARTES, N. 3, 2014. **O livro ilustrado: palavra, imagem e objeto na visão de Odilon Moraes**, entrevista à revista do grupo de estudos Produções Literárias para crianças e jovens da área de Literatura Infantil e Juvenil da FFLCH/USP. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/issue/view/6877/showToc>>

MASSARANI, M.; entrevista para o artigo, 2016.

MELLO, Roger. Conversa aberta Não Existe Um Mundo Para Criança e Um Mundo Para o Adulto, participação em **3º Fórum de Leitura do Espaço de Leitura do Parque da Água Branca – Ler É Possível: sobre pedras, percursos e potências na educação**, São Paulo (SP), 2015.

MELLO R.; MASSARANI M.; **Inês**, São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

NIKOLAJEVA M.; SCOTT C.; **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OSTROWER, F.. **Universos da Arte**. Campinas: Unicamp, 2013.